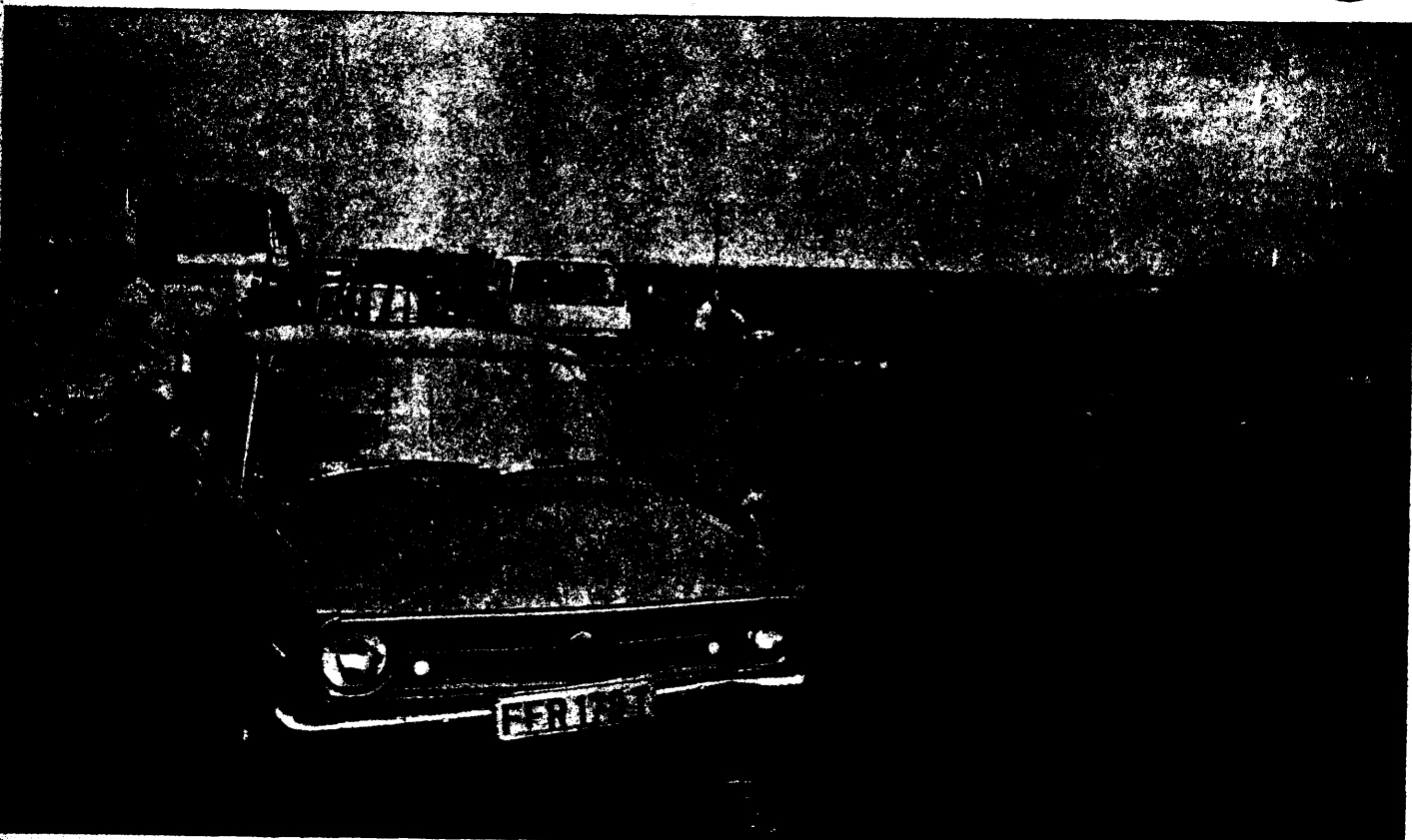


Com as Forças Armadas nas matas da Manhica

● Bandidos fogem de recontro com as FAM

1



O autocarro ainda em chamas e dezenas de viaturas estacionadas no local. A carrinha que se vê com passageiros leva mortos e feridos. O autor destas linhas, à civil, encontra-se ao pé do poste de telefone

Texto de Filipe Ribas ● Fotos de Américo Milhão

Percorrer escassos 70 quilómetros na Estrada Nacional n.º 1, em direcção a Xai-Xai, tem vindo a constituir uma aventura em que a morte e a barbárie, personificadas nas hordas dos bandidos armados, persegue sob a forma de expectativa e dúvida os utentes da rodovia. Durante os cinco dias que permanecemos na Manhica, tivemos a ocasião de viver de perto os ataques dos bandidos armados, pouco antes e pouco depois da Vila da Manhica. Mais do que o contacto com as informações que, constantemente, recebíamos, fomos alvo de um ataque dos bandidos armados, em plena Estrada Nacional n.º 1, no dia 5 do corrente mês de Janeiro.

Manhica, sexta-feira, dia 4 de Janeiro de 1985. Com o romper da aurora, abandonámos a vila e tomámos a Estrada Nacional n.º 1, em direcção ao Alvor, de onde iniciáramos a nossa incursão pela floresta, a fim de encontrar uma posição das FAM acampada, havia dias, no local. Uma das companhias desta unidade estava em movimento pela floresta, no sentido Sudoeste-Este, e fora desta companhia que os bandidos vistos a atravessar a estrada no dia 2 estiveram a fugir.

Os acontecimentos do dia 1 jus-

**O crime dos
bandidos
em Taninga**

**Em baixo:
Os primeiros
dois mortos que
recolhemos para a
carrinha. O do
primeiro plano tem
uma bala
alojada no
peito e a perna
ligeiramente
devorada pelo
fogo**



tificavam plenamente o caminhar sinuoso dos diversos grupos de bandidos armados, ora atravessando a estrada, ora caminhando paralelos a esta, no sentido Sul-Norte. Efectivamente, no dia 1 de Janeiro, os bandidos armados foram escoraçados de uma base que, pelas suas características, era destinada à sua preparação «militar». Já sem poiso, os bandidos dispersaram-se em pequenos grupos, que se tentavam esgueirar entre as diversas posições das nossas forças no interior da floresta. Acossados, pois as nossas forças estavam a varrer um ângulo

de 45 graus, formado pela Estrada Nacional n.º 1 e pela trajectória da vasculha em que as forças marchavam em desdobramento, os bandidos aproximaram-se mais da estrada, provavelmente na expectativa de voltarem a reunir-se a outros grupos que vinham sendo perseguidos desde a madrugada do dia 31 de Dezembro de 1984. A esperança de voltarem a encontrar-se e acamparem num outro ponto da floresta pudemos confirmá-la através da movimentação de outros grupos de bandidos que eram vistos pelas populações a caminhar numa trajectória que

converge com a dos bandidos que atravessaram a estrada em Maluana, no dia 2.

No mesmo dia 2, um grupo de 17 bandidos armados atacou três viaturas provenientes do Bilene, matando seis pessoas e ferindo nove. Na sua fuga pela mata seguiram uma trajectória perpendicular à Estrada Nacional n.º 1, partindo da localidade de Taninga. Evidentemente que a intenção deste grupo era encontrar-se com os de Maluana, caso estes conseguis-



O encontro com os sobreviventes na Palmeira

sem prosseguir a sua caminhada sem chocar com as unidades das FAM operando na floresta.

Nos dias que se seguiram, ficou provado que os bandidos estavam completamente impossibilitados de voltar a reunir-se na mata e tiveram de adoptar uma nova estratégia, tendo como objectivo fundamental obrigar os contingentes das nossas forças a movimentarem-se mais para a estrada, em detrimento das operações de vasculha da floresta. Para o efeito, empreenderam ataques na Estrada Nacional, o que exigiria um esforço suplementar de defesa das áreas mais frequentemente afectadas.

Informados sobre a movimentação dos bandidos que fugiam das nossas forças em movimento, encetámos, a partir da posição já acima referida, uma marcha pela floresta, com o objectivo de reduzir o espaço de manobra do inimigo. Creio que a nossa estratégia conseguiu surtir efeitos, porque, cerca das 18 horas, ainda em



Uma criança atingida por uma rajada dos bandidos

plena floresta, recebemos a informação de que a companhia que vasculhava a floresta vira-se obrigada a mudar de rota por ter tomado conhecimento da passagem de bandidos armados pelas proximidades do sítio onde se encontrava.

Uma particularidade dos bandidos armados na sua movimentação é a alta velocidade a que andam. Eles não andam depressa, pura e simplesmente, correm e se, entre os seus cativos, alguém não pode com o passo o mais natural é que seja eliminado no local. Isto foi-nos confirmado por Armando Manuel Nhabanga, um bandido recentemente capturado pelas FAM. Segundo ele, passavam a vida a correr, mesmo quando embrenhados em densa floresta, onde abundassem cactos e outro tipo de vegetação espinhosa.

Na nossa caminhada, deparámos com duas situações que, a meu entender e dos militares que conosco viajavam, nos fizeram suspeitar da proximidade do bandido. O primeiro facto foi termos encontrado, numa dessas cabanas há muito abandonadas, um montão de roupas já bastante usadas e de diferentes proveniências. Na referida cabana, havia sapatilhas, tão escaqueiradas, que só poderiam ter pertencido a alguém cuja vida decorria em plena floresta. Para além disso as mantas e co-

bertores que encontrámos, também bastante usados, eram de marcas e aspectos tão variados que não poderiam pertencer a uma única pessoa. Tudo indicava que as coisas haviam sido abandonadas ali, em virtude de constituir empecilhos para uma caminhada rápida. Não só foi isto que encontrámos como também uma apreciável quantidade de milho, num celeiro improvisado, dando a entender ser um local onde os bandidos apareciam amiúde. A cabana estava bem disfarçada.

O outro facto estranho com que deparámos foi, bem no interior da mata, próximo de um local que, em tempos, foi estação de tratamento de gado, uma mulher que estava só. Ela ocupava uma construção já há muito abandonada e dizia viver no local há poucos meses. Não havia vestígios de comida, panelas ou algo que pudesse justificar o seu sustento.

Indagada sobre quando teriam passado as nossas forças e em que sentido caminhavam, deu indicações pouco condizentes com a verdade. Segundo ela, os nossos homens teriam passado por ali no dia anterior, mesmo em frente à casa que ela ocupa. Acontece, porém que as nossas forças não poderiam ter passado por ali no dia por ela citado, muito menos deixariam de levá-la com elas, uma



Armando Nhabanga, o bandido armado que foi miliciano

vez que o esforço é, exactamente, transferir todas as populações daquela zona, por razões de segurança que visam facilitar as operações de limpeza.

Além da falta de vestígios que indicassem a possibilidade de uma vida em local tão isolado, sem vizinhança e sem proximidade com água, houve um outro pormenor estranho. Perto de uma

árvore, descobrimos que algo estava enterrado. Depois de um trabalho aturado, feito apenas com uma pá, foi possível encontrar várias peças de roupa enterradas. Nem todas as peças de vestuário encontradas eram de mulher. Estes pormenores todos levaram-nos a concluir que a mulher teria alguma ligação com os bandidos armados, que a alimentavam e a



Esta senhora, a partir da cintura para baixo, tem ferimentos de balas por toda a parte



Laura Tembe, uma sobrevivente do ataque de Maluana

quem ela fornecia informações sobre o movimento das nossas forças. No entanto, o nosso guia, conhecedor da região e das pessoas, asseverou tratar-se de uma deficiente mental; sem eira nem beira. A suspeita e a dúvida sobre as razões que a teriam levado a ficar tão só naquelas paragens ainda hoje prevalecem em todos quantos estivemos no local. Ali ficou e talvez ainda lá se encontre, a viver de forma que nos parece misteriosa.

Ao terminar o dia 4 de Janeiro, o que, para nós, se deu cerca das vinte e uma horas, o balanço era de calma na floresta. Nós, que não trazíamos equipamento propício para pernoitar na floresta, fomos recolhidos de viatura, a fim de passar a noite na vila. Depois de todo este dia de trabalho ficámos com a nítida impressão de que, no interior da floresta propriamente dito, os bandidos armados vivem em sobressalto e a sua existência, pelo menos em grupos numerosos, vai-se tornando cada vez mais difícil. Assim se justifica que abundem nas proximidades da Estrada Nacional n.º 1.

Notámos, igualmente, que evitam, a todo o custo, permanecer em certos locais mais do que o tempo suficiente para matar e sa-

quear as populações indefesas. As suas acções são demasiado bruscas, imprevisíveis e ocorrem em locais tão distantes uns dos outros que, para garantir a defesa das populações seria necessário, no dizer dos próprios militares, colocar um soldado em cada metro quadrado. Além disso, recorrem ao sistema de realizar ataques simultâneos em locais diferentes, na clara intenção de darem a entender serem muito numerosos e para dispersar os esforços de salvaguarda das vidas das populações.

De resto, a sua tarefa de esgueirar-se entre as diversas posições das nossas forças estacionadas na floresta tem sido facilitada por alguns informadores, pa-



Milalene, o informador que vivia a cem metros da base dos bandidos armados

gos, exactamente, com o dinheiro que assaltam nos autocarros e em outras viaturas civis. Albino Milalene Changule era um desses informadores dos bandidos armados e foi capturado pelas nossas forças no dia 2 de Janeiro. Salámo, com ele em plena floresta, em Makanzene. Vivia a cem metros da base dos bandidos armados e movimentava-se livremente para distâncias mais longínquas, algumas das quais próximas das posições das nossas forças. Não há provas de que não tenha sido uma das pessoas que fez abortar o assalto do dia 1 de Janeiro de 1985 a uma base dos bandidos. O certo é que quando as nossas tropas lá chegaram já os bandidos armados haviam fugido. □